



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
Arqueologia e Gestão do Património Cultural

**SONGO, UMA CONSTRUÇÃO EM PLATAFORMA DO TIPO KHAMI, NO  
DISTRITO DE CAHORA BASSA (PROVÍNCIA DE TETE, MOÇAMBIQUE)**

**Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para  
obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património  
Cultural na Universidade Eduardo Mondlane**

**Por: Michocho W. D. Almoço**

Maputo, 2022

**SONGO, UMA CONSTRUÇÃO EM PLATAFORMA DO TIPO KHAMI NO  
DISTRITO DE CAHORA BASSA (PROVÍNCIA DE TETE, MOÇAMBIQUE)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na  
Universidade Eduardo Mondlane.

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

**Supervisora:** Prof<sup>ª</sup>. Doutora Solange Laura Macamo

<b>O Júri</b>			
<b>O (A) Presidente</b>	<b>O (A) Supervisor (a)</b>	<b>O (A) Oponente</b>	<b>Data</b>
_____	_____	_____	____/____/____

## ÍNDICE

DECLARAÇÃO .....	v
DEDICATÓRIA .....	vi
AGRADECIMENTOS.....	vii
LISTA DE SIGLAS .....	viii
LISTA DE MAPAS E FOTOGRAFIAS .....	ix
RESUMO .....	x
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	11
1.1 Objecto de estudo.....	13
1.2 Problematização .....	14
1.3. Pergunta de partida.....	15
1.4.Objectivos .....	15
1.4.1. Geral.....	15
1.4.2. Específicos .....	15
1.5. Justificativa .....	15
1.6. Definição de conceitos .....	16
1.6.1. Amuralhado.....	16
1.6.2. Ruína .....	17
1.6.3. Estação arqueológica.....	17
1.7. Método do estudo.....	17
CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO – CAHORA BASSA E SONGO .....	19
2.1. Localização geográfica.....	19
2.2. Breve enquadramento físico-natural .....	20
2.2.1. Clima.....	20
2.2.2. Solos.....	20
2.2.3. Vegetação.....	21
2.2.4. Geologia .....	22
2.2.5. Recursos hídricos .....	23
2.3. Evidências arqueológicas .....	23
2.3.1. Arquitectura da plataforma do Songo .....	23
2.3.2. Restos de habitações.....	26
2.3.3. Material lítico .....	27
2.3.4. Cerâmica local.....	27
2.3.5. Escória.....	28

2.3.6.	Fragmentos de <i>dhaka</i> .....	28	
2.3.7.	Amostra de mineral .....	29	
2.4.	Fontes orais .....	29	
CAPÍTULO III – PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EFECTUADAS NO SONGO:			
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....			31
3.2.	Trabalhos Iniciais .....	31	
3.2.1.	Investigações de Santos Júnior .....	31	
3.2.2.	Investigações de Miguel Ramos .....	33	
3.2.3.	Investigações de Solange Macamo .....	36	
3.3.	Discussão .....	37	
3.4.	Considerações finais .....	38	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....			39

## **DECLARAÇÃO**

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto a bibliografia e fontes que utilizei”

Michocho Wacha Domingos Almoço

---

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Wacha Domingos Almoço e Isabel Assane, que foram exemplos de carácter e dignidade.

À minha tia, Laura Bernardo e aos meus irmãos, pelo acompanhamento do meu trabalho e apoio moral.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida que me deu, pelo seu maior poder de me manter sempre com força para esta concretização do trabalho. Gostaria ainda de agradecer à supervisora deste trabalho, Professora Doutora Solange Laura Macamo, que teve total paciência no acompanhamento, orientação e na correcção, em diversas fases da realização deste trabalho.

Agradeço profundamente aos docentes do curso de Arqueologia e Gestão de Património Cultural, pela sua dedicação no ensino e pelos conhecimentos transmitidos para a minha formação como futuro investigador e profissional no ramo.

Aos meus colegas e amigos, pelo apoio e incentivo, durante os quatro anos de formação, que percorremos juntos.

Ao meu pai, que custeou as minhas despesas académicas, pela compreensão e paciência que teve em atender aos meus pedidos durante todos esses anos de ausência de casa, para a minha formação do nível superior. À minha mãe, que me encorajava com palavras, dizendo que devia lutar pelos meus objectivos de formação. Muito obrigado, mãe!

Agradecer a minha esposa Hortência e minha filha Alícia que sempre foram pilares nesse percurso pelas forças e incentivos.

Agradeço também ao meu mano, Teodoro Mainote, Ele recebeu-me e acolheu-me em sua casa, durante a minha estadia como estudante, em Maputo. Agradeço-lhe, pela paciência e compreensão que teve nas minhas infinitas necessidades de refeição.

Agradeço a todos os amigos que contribuía com recarga de créditos para poder me comunicar com a família, em Tete-Moatize.

Os meus agradecimentos são extensivos a todos os Irmãos da Igreja Missão Fé Apostólica em Moçambique, Moatize, em especial ao Pastor Celestino Mulatinho, pelas orações e ensinamentos.

Enfim, a todos que, directa ou indirectamente, contribuía para a obtenção deste título vão os meus sinceros agradecimentos!

## **LISTA DE SIGLAS**

A.D – *Anno Domini*, do latim: Ano do Senhor

CAPM – Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique

DAA/UEM – Departamento de Arqueologia e Antropologia/Universidade Eduardo Mondlane

MAM – Missão Antropológica de Moçambique

Séc. – Século

SAREC – Agência Sueca Para a Investigação Científica

SCSUM – Sociedades Complexas e o Surgimento do Urbanismo em Moçambique



## LISTA DE MAPAS E FOTOGRAFIAS

Mapa 1:Localização da estação arqueológica de Songo. Adaptado do archcad18, por Michocho Wacha 2021.....	19
Mapa 2: Localização geográfica da estação arqueológica de Songo no distrito de Cahora Bassa, posto administrativo de Songo, adaptado por Michocho Wacha 2021 .....	20
Figura 3.1: Vegetação da área envolvente da estação arqueológica do Songo. Foto: Michocho Wacha, 2021.....	21
Figura 3.2: Vista parcial da área superior da plataforma do Songo com blocos de granito. Foto: Michocho Wacha, 2021. ....	22
Figura 3.3:Estrutura da plataforma do Songo na face Sul-lado direito. Foto: Michocho Wacha, 2021 .....	25
Figura 4: Face monumental do recinto amuralhado do Songo. Foto: Michocho Wacha, 2021 .....	25

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como título “Songo, uma construção em plataforma do tipo Khami, no Distrito de Cahora-Bassa (Província de Tete, Moçambique) revela a história da investigação do local e os seus resultados. O estudo foi baseado em fontes documentais, tendo sido complementado pelo trabalho de campo. Diferentes investigadores desenvolveram os seus trabalhos no Songo, o que resultou, ultimamente, na sua identificação arqueológica, como uma construção em plataforma do tipo Khami, no contexto geral da Tradição Zimbabwe Khami. Assim sendo, o estudo apresenta diferentes tipos de vestígios arqueológicos, assim como as fontes orais, que auxiliam no conhecimento do passado histórico desta magnífica construção em plataforma do Songo, em Moçambique.

**Palavras-chave:** Plataforma do Songo, Tradição Zimbabwe-Khami, Evidências Arqueológicas, Fontes orais, História da Investigação.

## **CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO**

As referências sobre a arqueologia em Moçambique remontam ao século XVIII-XX (Sinclair *et al.* 1993:24; Meneses 1988:4), cujas pesquisas, nos últimos anos, conheceram significativos avanços. Nesse sentido, os registos históricos mais significativos relacionados com as “ruínas arqueológicas” na área do planalto do Zimbabwe foram referenciadas por João de Barros em 1552 (Mendes,1936:5).

As descrições sobre os amuralhados datam do período colonial, mais concretamente no século XX, em que arqueólogos e estudiosos de outras áreas de conhecimento deram a sua contribuição, a exemplo de Heinze Wieschhoff (1929, citado por Macamo 2006) e do jornalista, Octávio Roza de Oliveira (1962 1963, 1970, 1973, 1975, citado por Macamo 2006), respectivamente.

Entretanto, as investigações sistemáticas sobre a Idade do Ferro, em Moçambique, foram iniciadas a partir do início da década 70, num processo de levantamentos arqueológicos sistemáticos que decorreram até ao presente, tornando possível estudar o passado, desde o período pré-colonial até aos tempos recentes (Duarte 1988:57). Estas investigações, peculiarmente desenvolvidas no âmbito da cooperação científica, em parceria com a Suécia, na qual, o DAA-UEM está na dianteira, têm tido um papel crucial no desenvolvimento da investigação arqueológica.

Os programas de investigação levados a cabo, nas regiões Sul, Central e Norte do país, resultaram no estudo de importantes estações arqueológicas, possibilitando o seu conhecimento mais aprofundado (Duarte 1988:58).

Foi neste contexto que a estação arqueológica de Songo, uma construção em plataforma do tipo Khami, foi estudada, desde a década dos anos 30, do século passado, até ao presente.

Os amuralhados constituem um dos temas mais interessantes da arqueologia moçambicana, pois para além de serem evidência do nível de desenvolvimento das construções pré-coloniais, permitem o entendimento de uma série de processos, especialmente a alteração das estruturas sócios-políticas e o contexto ambiental económico, em particular da região central do país e da África Austral, no geral, para a formação de lugares privilegiados, como o Songo (Rodrigues 2009:7).

Em Moçambique, o tipo de construção Khami foi estudado no Songo e em Niamara (Macamo 2006, 2011). O tipo de construção Khami foi influenciado pelo Grande Zimbabwe, razão pela qual, ambos foram incluídos na mesma tradição denominada Zimbabwe-Khami (Sinclair 1987; Pikirayi, 1993).

Há ainda a assinalar os escritos de Damião de Gois, in *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, de 1566, (1926, parte II, capítulo X: 31), sobre as construções do que se chama “reino do Benomotapa” ao afirmar que “no centro do país encontra-se uma fortaleza construída de pedras grandes e pesadas tanto no interior como no exterior e sem argamassa”.

Historiadores como Abraham (1959-1962), ou arqueólogos como Garlake, Phillipson ou Huffman (citados por Pikirayi 1993:44 -176) dedicaram-se ao estudo dos amuralhados Zimbabwe no Zimbabwe, em Moçambique e na África do Sul.

Em Moçambique destacam-se os trabalhos de Wieschoff (1941), que efectuou investigações no amuralhado de Niamara, na província de Manica, em 1929, tendo estudado a cerâmica da Tradição Zimbabwe e a arquitectura do tipo Khami e outros elementos sobre esta construção antiga. Desta investigação também definiu e interpretou o conceito de Zimbabwe-Mwenemutapa (Zimbabwe-Mutapa).

Lereno Barradas (1963a, 1963b, 1968, 1972), interessou-se pelas construções de pedra, com uma perspectiva eurocêntrica. No seu artigo, *os Construtores de Zimbabwe* (1972), Barradas atribui a construção dos recintos de pedras aos europeus.

Embora esta visão racista e eurocentrista fizesse parte da agenda de muitos investigadores, da época, alguns autores distanciavam-se de tal pensamento, como foi o caso de Roza de Oliveira (1963, 1970, 1973), que concentrou a sua pesquisa na província de Manica, tendo realizado um mapa geral dos monumentos de pedra em Moçambique. No seu artigo *Zimbabwe de Moçambique: Proto-História Africana* (1973) ele concluiu que estes amuralhados foram construídos pelas comunidades locais, ao contrário da posição anteriormente tomada por Lereno Barradas. Oliveira também classificou os recintos amuralhados de Moçambique como fazendo parte do período cultural proto-histórico Zimbabwe-Monomotapa.

Roza de Oliveira (1973), efectuou investigações no Vale do Zambeze, tendo especialmente se dedicado no estudo da arte rupestre. Entretanto, estudou também alguns amuralhados, que os relacionou com a Tradição Zimbabwe.

No período pós-independência, 1976, R. Duarte realizou uma visita ao amuralhado de Songo, tendo efectuado registos fotográficos e a recolha das fontes orais sobre a história do local.

No entanto, com este trabalho baseado em estudos documentais, pretende-se aprofundar sobre a investigação arqueológica, especialmente no Songo, demonstrando o desenvolvimento das investigações no contexto da intervenção de Santos Júnior, Miguel Ramos, R.T. Duarte e S. Macamo.

O presente estudo pretende contribuir para a sistematização dos trabalhos de investigação efectuados no Songo, usando quer as evidências arqueológicas como as fontes orais, com vista ao aprofundamento do conhecimento sobre o mesmo.

### **1.1 Objecto de estudo**

Songo é considerado um *Zimbabwe* localizado no Vale do Zambeze, no planalto do Songo. Do ponto de vista arquitectónico, trata-se de uma construção em plataforma do tipo Khami, conforme os resultados da investigação arqueológica levados a cabo pela equipa de investigação do DAA/UEM, coordenada por Solange Macamo, entre 1995 a 2001, com o apoio da SAREC (Macamo 2006). Songo representa um monumento magnífico, quanto à morfologia arquitectónica, sendo uma construção em pedra seca. Para além do amuralhado, em forma de plataforma, Songo apresenta outros vestígios de ocupação, sobretudo objectos líticos (de pedra), fragmentos de cerâmica, algumas estruturas de habitação (Macamo 2003, 2006), o que demonstra a ocupação humana no local durante longos períodos pré-históricos que se sucederam.

## **1.2 Problematização**

Os constrangimentos que atrasaram as investigações arqueológicas em Moçambique foram influenciados por problemas logísticos e financeiros, défice de pessoal qualificado e os conflitos armados (Sinclair *et al.* (1993:413). Felizmente, parte destes problemas foram superados, ou ficaram para o passado.

Apesar disso, em Songo, a investigação foi desenvolvida por vários profissionais em diferentes contextos temporais, carregando cada uma das suas fases uma importância extraordinária que importa conhecer. Este conhecimento, significado e analogias, permitem constatar uma série de factos que constituem uma base para o melhor conhecimento da história do Songo, em Moçambique e na África Austral.

No geral, o estudo dos amuralhados, tem sido empreendido no contexto das comunidades de agricultores e pastores. De acordo com Sinclair *et al.* (1993:412) face às lacunas no conhecimento deste período, há uma posição consensual, na qual, a cerâmica constitui a mais importante fonte da informação arqueológica. Por seu turno, Duarte (1988:66) afirma que as informações arqueológicas deste período são consideradas limitadas, contudo, evidenciam alguns atributos que caracterizariam a dinâmica que presidiu às transformações das diferentes sociedades até ao século XIX.

Contudo, se por um lado, a arqueologia não é apenas acumulação de conhecimento sobre o passado, mas também interpretação e transmissão de informação em contextos sociais específicos (Sinclair *et al.* 1993) para Macamo (2006) o estudo isolado de elementos arqueológicos torna-se difícil, requerendo, assim, a combinação de diferentes fontes, tais como, estudos ambientais, documentais e orais.

Os primeiros estudos efectuados no Songo incidiram basicamente nas questões referentes à tradição cerâmica, análise estratigráfica e a datação do amuralhado, com vista a uma melhor compreensão da identidade arqueológica do recinto amuralhado, da Tradição Zimbabwe- Khami (Macamo 2006:184).

Por conseguinte, há necessidade de aprofundar a história de investigação e interpretação de Songo, usando as fontes documentais produzidas por vários pesquisadores. Neste estudo são destacados os vestígios arqueológicos e as fontes orais, para a sistematização da história de investigação do Songo.

### **1.3. Pergunta de partida**

Qual é a história de investigação de Songo e até que ponto pode auxiliá-lo no conhecimento da Tradição Zimbabwe-Khami em Moçambique e na região da África Austral?

### **1.4. Objectivos**

#### **1.4.1. Geral**

- Estudar a estação arqueológica de Songo para perceber a história de investigação e o contexto interpretativo.

#### **1.4.2. Específicos**

- Proceder ao enquadramento geográfico da estação arqueológica de Songo;
- Conhecer e caracterizar as evidências arqueológicas da estação arqueológica de Songo;
- Apresentar as investigações efectuadas na estação arqueológica de Songo e o contexto interpretativo;
- Descrever as fontes orais existentes sobre a Plataforma do Songo;
- Correlacionar aspectos de investigação do Songo com outras estações similares, no contexto de Moçambique e da África Austral.

### **1.5. Justificativa**

Apesar dos desafios anunciados que se apresentam no contexto da investigação arqueológica, em Moçambique, as informações existentes desde período colonial, a partir da década dos anos 30, permitem traçar a trajectória da história de investigação até ao presente. Com isso, é possível também conhecer os problemas de investigação colocados e as respostas que ainda se esperam da investigação efectuada no Songo.

Este trabalho procura sistematizar as investigações efectuadas em Songo e os resultados obtidos, como tentativa de contribuir no conhecimento sobre o passado. Assim sendo, recorreu-se aos trabalhos desenvolvidos pelos diferentes investigadores em Songo, quer de natureza arqueológica como também relacionados com a história oral.

A escolha do tema deve-se a necessidade de conhecer a história de investigação de Songo e pelo interesse no estudo das estruturas dos amuralhados de Moçambique e no Vale de Zambeze, em particular. De igual forma, o meu interesse pelo tema deriva das

discussões tidas nas disciplinas de Comunidades de Agricultores e Pastores de Moçambique (CAPM) e das Sociedades Complexas e o Surgimento do Urbanismo (SCSU), esta última que se liga directamente ao tema em análise neste trabalho.

## **1.6. Definição de conceitos**

### **1.6.1. Amuralhado**

São estruturas arquitectónicas maciças construídas em pedra ou tijolo (geralmente sem argamassa a uni-las), e que surgem a partir do início do processo de sedentarização para proteger as localidades de possíveis ataques e saques, bem como para delimitar a zona onde viviam os chefes (Meneses 2002:9).

Na África Austral, os amuralhados são conhecidos *grosso modo* pelo estilo arquitectónico Grande Zimbabwe ou Zimbabwe e o estilo tardio Khami, a maioria dos quais se localiza na actual República do Zimbabwe e em Moçambique, embora o seu número exacto ainda seja incerto (Sinclair 1987). A feição característica do estilo “Grande Zimbabwe” é a presença de amuralhados singulares ou múltiplos feitos de pedras secas e sobrepostas, sem argamassa a uni-las (Macamo 2013:13).

Amuralhado Zimbabwe é uma estrutura feita de pedras, geralmente de granito, sobrepostas, sem argamassa a uni-las, que tinham como função delimitar a zona onde vivia a elite, como símbolo de poder e prestígio (Pikirayi 1993; Macamo 2006). Entre os séculos XV-XVIII, assiste-se ao aparecimento de amuralhados com função defensiva, do estilo fortificação, ou *loopholed stone structures* (Pikirayi 1993 citado por Macamo 1996).

O estilo de construção zimbabwe é conhecido pela designação “Tipo Grande-Zimbabwe e Khami”, com base na análise cerâmica, sendo que *Khami* designa o estilo tardio deste tipo de construção (Macamo 2003:70).

Para Ricardo T. Duarte o amuralhado Zimbabwe designa um tipo de estruturas de pedra, cuja construção é atribuída aos povos Shona, que se distribuem por uma vasta área, do Zambeze ao Sul do Save. Estas construções estavam ligadas ao desenvolvimento do grupo Shona e à centralização política que esta acarretou dando origem a diversos Estados sendo de destacar o Estado Zimbabwe, no início e posteriormente, o Estado de Mutapa (Duarte 1998:69).



### **1.6.2. Ruína**

Designa restos de construção desmoronada que esteja ligada à história ou lugar mencionado pela história (Macamo 2003:60). Exemplos: ruínas arqueológicas Zimbabwe e Swahili, ambas representadas em Moçambique. Para alguns autores ruína é qualquer coisa construída pelo homem, a qual foi completamente destruída e que não poderá voltar a ter a sua função original (Macamo2003:60).

### **1.6.3. Estação arqueológica**

Designa espaços onde podem ser identificados vestígios de antigas actividades humanas (acumulações de artefactos, vestígios de edifícios, de estruturas, bem como a presença associada de elementos orgânicos) (Meneses 1989, 2002).

O Decreto 27/94 de 20 de Julho, define estação arqueológica como sendo:

Todos os elementos arqueológicos, considerados, ao abrigo da Lei n.º 10/88, de 22 de Dezembro, como bens classificados do património cultural, incluindo a zona de protecção e vias de acesso, onde existam indícios evidentes de vestígios de bens materiais móveis e imóveis ou qualquer outro traço da existência do homem, que tenha sido detectado ou possa vir a ser detectado à superfície, no subsolo, leito de águas interiores e plataforma continental, e que deverão ser preservados «in situ», ou de acordo com as disposições no presente Regulamento”.

As estações arqueológicas em Moçambique constituem parte do nosso legado do passado e por isso, possuem dependendo da sua natureza, diverso significado cultural (Jopela 2010:15). Para Domingos (2012) cada estação arqueológica possui informações essenciais que permitem completar os conhecimentos sobre a história e as culturas antigas. Algumas dessas fontes são únicas e o seu desaparecimento representa uma perda inestimável para as sociedades actuais.

### **1.7. Método do estudo**

O trabalho teve como ponto de partida a pesquisa documental e a realização de trabalho de campo. Assim sendo, abarcou três fases distintas:

1. Realização da pesquisa documental nas bibliotecas do DAA/UEM e Central Brazão Mazula assim como no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM). A pesquisa foi efectuada, de igual forma, aos artigos científicos disponíveis em *websites*.
2. Realização de trabalho de campo com o objectivo de visitar a estação arqueológica do Songo, para o seu registo fotográfico e respectiva documentação.
3. Análise e selecção de dados referentes à plataforma do Songo. A interpretação foi feita com base na informação documental resultante das diferentes investigações. Posto isso, foi efectuada a redacção final do texto.

No que diz respeito à estrutura do trabalho, comporta quatro capítulos.

O primeiro *capítulo*, relativo a *introdução*, onde procurou-se entender a abordagem das investigações no contexto dos amuralhados, sem omitir a disposição cronológica, e os seus resultados. abarca os aspectos metodológicos do trabalho, estando patentes, objecto de estudo, problematização, justificativa, objectivos (geral e específicos), definição de conceitos e método de trabalho.

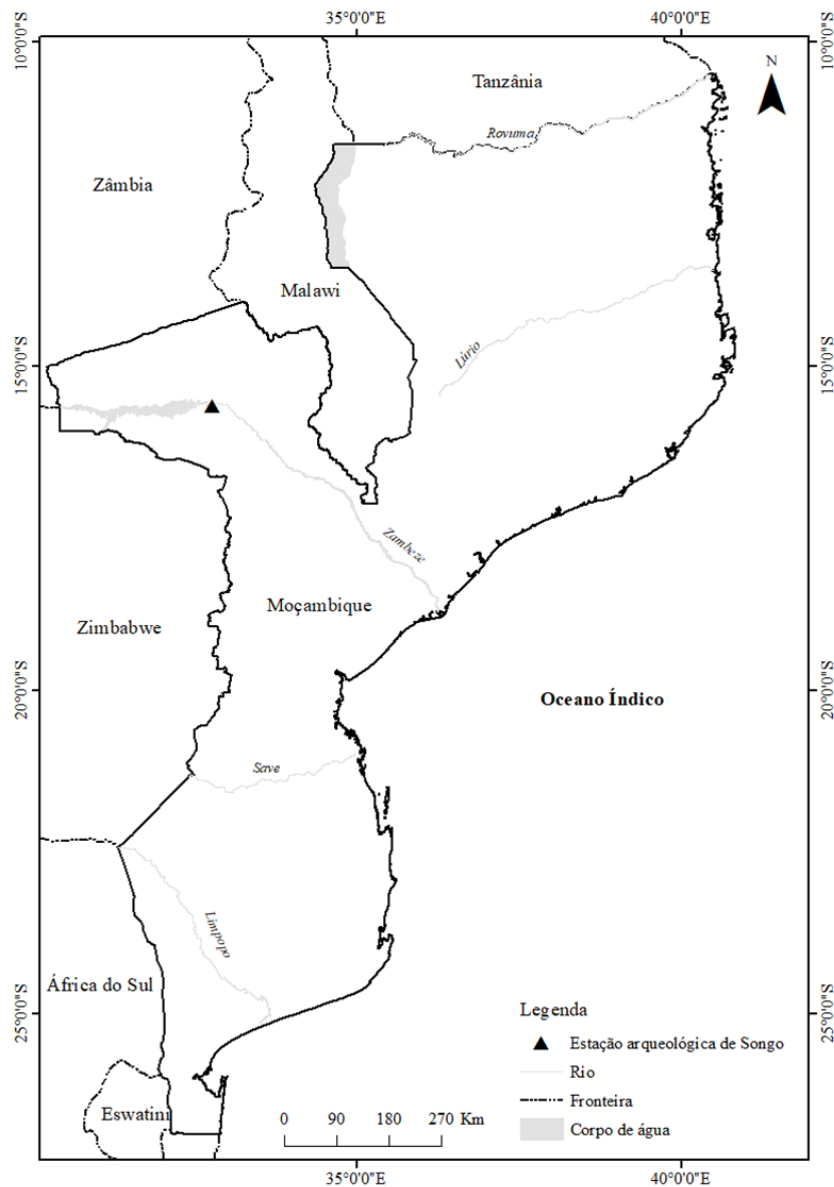
O segundo *capítulo*, abarca a *caracterização da área de estudo (Cahora Bassa e Songo)*, através enquadramento geográfico, físico-natural e arqueológico.

O terceiro *capítulo*, intitulado: *Pesquisas Arqueológicas Efectuadas no Songo*., procura-se analisar o debate sobre a identidade arqueológica do Songo, a partir das fontes orais e com base nas campanhas arqueológicas que se sucederam perceber o contexto interpretativo (histórico e identidade arqueológica do Songo) e está reservado as considerações finais do trabalho.

## CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO – CAHORA BASSA E SONGO

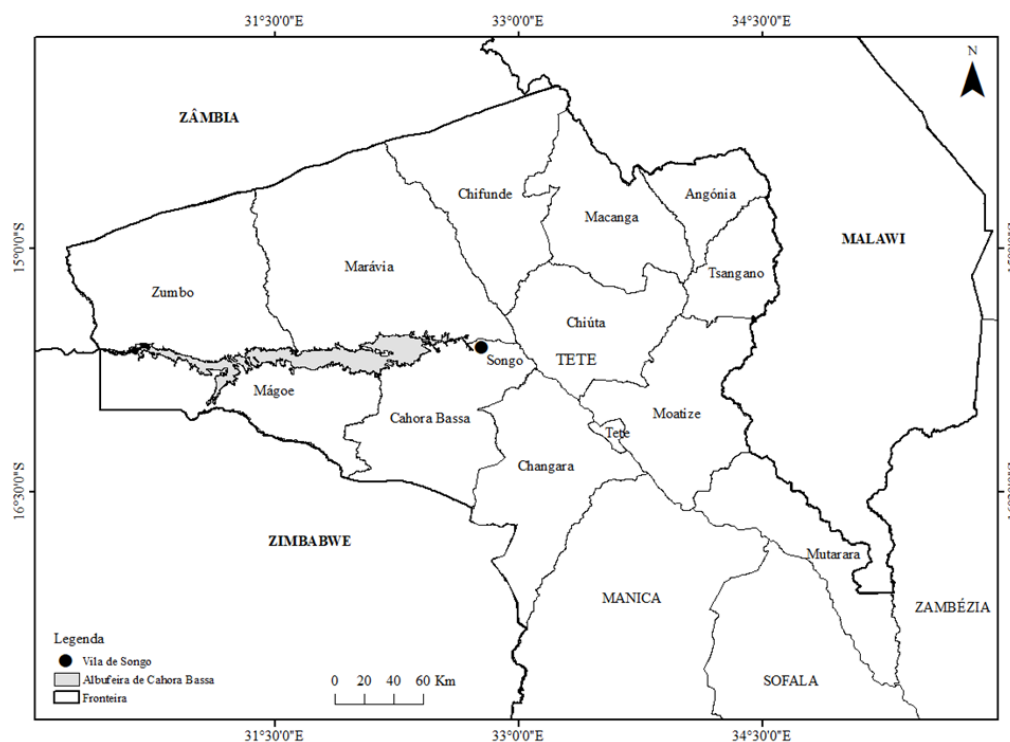
### 2.1. Localização geográfica

A estação arqueológica do Songo está localizada no distrito de Cahora Bassa, na província de Tete, nas seguintes coordenadas geográficas: Longitude Este -  $32^{\circ} 46' 20''$ . Latitude Sul -  $15^{\circ} 36' 52''$ . Folha 4 da carta de Moçambique na escala de 1:250.000 (Rodrigues 2009:19).



Mapa 1: Localização da estação arqueológica de Songo. Adaptado do *archcad18*, por Michocho Wacha 2021.

Por sua vez, o Distrito de Cahora Bassa está localizado no Centro da província de Tete. É limitado a Norte pelos distritos de Marávia e Chiuta, a Este pelo distrito de Changara, a Sul pela República do Zimbábue e a Oeste pelo distrito de Mágoè (MAE 2005:2).



Mapa 2: Localização geográfica da estação arqueológica de Songo no distrito de Cahora Bassa, posto administrativo de Songo, adaptado por Michocho Wacha 2021

## 2.2. Breve enquadramento físico-natural

### 2.2.1. Clima

O clima predominante é do tipo seco de estepe com inverno seco, modificado localmente pela altitude, com duas estações distintas: a estação chuvosa (muito curta) e a seca (muito longa). A precipitação média anual é de 635 mm.

### 2.2.2. Solos

A superfície do distrito de Cahora Bassa varia entre as altitudes 100 m e os 1100 m. O relevo do distrito é caracterizado por três regiões físicas, sendo uma planáltica (altitudes entre os 200 m e os 500 m), antiplanáltica (altitudes entre os 500 m e os 1000 m) e outra de planície (altitudes até aos 200 m). A zona do planalto abrange a totalidade do Posto Administrativo do Songo e estende-se no sentido Leste Oeste a uma altitude média de

900 metros. Neste planalto, podem-se distinguir duas zonas diferentes: uma central de relevo mais desenvolvido com afloramentos rochosos frequentes e, uma outra envolvente de relevo irregular ondulado, com afloramentos rochosos mais localizados (PADCB 2015:13). Nesta zona predomina o granito.

### 2.2.3. Vegetação

As florestas de mopane, e o matagal de acácia dominam a paisagem do distrito de Cahora Bassa. As florestas de mopane representam cerca de 34% da vegetação deste distrito, enquanto as florestas e matas secas e o matagal de acácia, que aparecem essencialmente em mosaico, ocupam 55% do território. Por todo o distrito é possível observar outros habitats, em áreas mais ou menos extensas, tais como as florestas de miombo, savana e vegetação ripícola ao longo das linhas de água (PADCB 2015:17).

Aquando das campanhas arqueológicas dirigidas por Miguel Ramos, a estação arqueológica do Songo encontrava-se totalmente envolvida por uma espessa camada de vegetação, incluindo árvores de grande porte cujas raízes ameaçavam destruir o que restava das muralhas, pode-se ainda observar, em alguns locais abrigados, testemunho dessa cobertura florestal idêntica à densa vegetação que cobre algumas vertentes da própria serra do Songo (Rodrigues 2009:101).



*Figura 3.1: Vegetação da área envolvente da estação arqueológica do Songo. Foto: Michocho Wacha, 2021.*

#### 2.2.4. Geologia

As rochas graníticas ocupam extensas áreas a sul do rio Zambeze (Real 1966:47). Os afloramentos mais frequentes desta região são rochas gnaissicas com folheado nítido, verificando-se a presença de rochas granulares ácidas (onde predomina o quartzo), e básicas 9 ou seja, com predomínio dos minerais ferromagnesianos), sendo as primeiras rochas bandadas com leitos claros e escuros (Afonso, *et al.* 1998: 44-45). Na região de Cahora Bassa afloram também maciços graníticos castanhos (como no caso do muralhado do Songo).



*Figura 3.2: Vista parcial da área superior da plataforma do Songo com blocos de granito. Foto: Michocho Wacha, 2021.*

Os sedimentos do Karroo da região do rio Zambeze são parte do depósito continental que se acumularam no continente Gondwana, durante o período compreendido entre o Carbónico superior e o Triásico superior, tendo atingido espessuras superiores a 7 mil metros (Real 1966: 49; Afonso *et al.* 1998: 58).

Conforme Solange Macamo (2006:111-120) a composição geológica de Cahora Bassa encontra-se numa posição central do planalto, sendo rodeada de montanhas, o que contribuiu para a formação de uma paisagem cultural peculiar. Ela acrescenta que, este lugar privilegiado atraiu a ocupação humana desde a Idade da Pedra Superior em diante e a predominância de granito na área constituiu, certamente, um incentivo para a

construção do amuralhado do Songo, no século XVIII AD. A área drenada pelo rio Zambeze oferece valiosas possibilidades de mineração, sendo adjacente à estação arqueológica do Songo.

### **2.2.5. Recursos hídricos**

A rede hidrográfica do distrito de Cahora Bassa é composta por apenas um rio de regime permanente (Zambeze) e por três rios com regime periódico (Chirodzi, Nhacapiri e Daque).

A Albufeira de Cahora Bassa é o quarto grande lago artificial em África e o segundo ecossistema de águas interiores em Moçambique, depois do lago Niassa/Malawi. Esta albufeira tem as seguintes características: um reservatório com uma superfície de 2 665 km<sup>2</sup>, 246 km de extensão, largura máxima de 39,8 km, profundidade máxima de 151 m e um perímetro estimado em 1 775 km. Ela possui 7 bacias, nomeadamente Zumbo, Messenguezi, Carinde, Mucanha, Mágue, Chicoa e Garganta. Os riachos existentes ao longo do distrito de Cahora Bassa permanecem secos por muito tempo (a queda das chuvas é bastante irregular), o que torna a vida das populações muito difícil.

## **2.3. Evidências arqueológicas**

### **2.3.1. Arquitectura da plataforma do Songo**

Arquitectonicamente trata-se de uma construção em plataforma feita de granito do tipo Khami, dentro da tradição Grande Zimbabwe/Zimbabwe-Khami (Macamo 2006). O granito no distrito de Cahora Bassa formou-se entre o Pré-Cambriano e início do Paleozóico e aparenta uma cor acastanhada devido à presença de óxido de ferro na região. A abundância desta rocha fez com que fosse preferida na construção, como podemos verificar no Songo e em construções vizinhas em diferentes épocas históricas (Castelo 2015:64).

A estrutura foi constituída por um aterro ou embasamento de blocos de pedra e terra que assentavam sobre um afloramento rochoso, sobre o qual foi construída a plataforma, de forma elíptica. A plataforma é inclinada em direcção a Norte e está situada a cerca de 7-8m acima da superfície da terra circundante. Ainda a Norte, a zona da entrada estava coberta de blocos de pedra e a partir dela desenvolvia-se um corredor ou rampa onde ainda se verificava grande parte da estrutura primitiva de alvenaria de pedra que

formava e consolidava as laterais, sendo esta uma das características das construções de tradição Khami (Robinson 1959:11).

É ainda visível uma escadaria, com cerca de 20,6m por 7,6m, que segundo Liesegang (1995 citado por Macamo 2006:189) teria sido completamente ou parcialmente coberta por um telhado com uma porta à entrada.

No extremo Sudoeste, também o ponto mais alto do recinto, sobressaía um núcleo de blocos de rochas graníticas. A zona Sul encontrava-se quase destruída, mas a estrutura ligava-se com o afloramento rochoso que lhe servia de suporte (Castelo 2015:65).

Nas zonas intactas da entrada, o tipo de construção em alvenaria de pedra seca permite considerar que esta se poderá enquadrar no tipo “P” (A. Whitty 1961) e igualmente referida por B. Fagan (Fagan 1970:106).

O amuralhado do Songo documenta uma construção de pedra, de planta sub-elipsoidal e de estilo africano, mostrando não só um conjunto de elementos estruturais, como uma realidade arqueológica enquadrável na “tradição da cultura Zimbabwe” (Rodrigues 2009:129).

Foi dada importância ao tipo de elementos de estruturas que possibilitaram a criação daquela grande plataforma; tendo sido registado o tipo da estrutura no limite exterior do recinto muralhado e por quadrantes, bem como da zona de localização do acesso ao piso utilizado do recinto; construído de um modo dissimulado na sua face Norte, de modo a permitir uma certa defesa no acesso directo (Rodrigues 2009:130).

Porém, importa referir que, as muralhas da Tradição Zimbabwe-Khami, como o Songo, eram símbolos de prestígio da classe reinante, sem qualquer função defensiva (Solange Macamo comunicação pessoal, em 2022).





*Figura 3.3: Estrutura da plataforma do Songo na face Sul-lado direito. Foto: Michocho Wacha, 2021*



*Figura 4: Face monumental do recinto amuralhado do Songo. Foto: Michocho Wacha, 2021*

### 2.3.2. Restos de habitações

Há vestígios de estruturas de três casas de dhaka de formato circular, que se encontravam distribuídas pelos quadrantes – 1, 2 e 4. De acordo com Macamo (2003:31), dhaga é um termo de origem Nguni, que significa argila dura, com função de barrear ou maticar soalhos e paredes de certas construções como a maioria das palhotas em Moçambique, em especial a casa Shona de arquitectura tradicional. É um termo geralmente utilizado no estudo da arquitectura dos Zimbábwés (Adamowicz 1987), como Songo.

Em songo, as construções com base em dhaka se disseminavam no pavimento de terra batida da plataforma do recinto, de modo a formar para cada uma delas, um piso próprio, que teria como objectivo tornar a estrutura da construção mais sólida e melhor pavimentada, além de definir a sua forma e a área, tornando-a habitável, proporcionando-lhe também conforto e estabilidade. Haveria ainda, que respeitar o prestígio e a hierarquia dentro de cada núcleo familiar (Rodrigues 2009:118). Contudo, no Songo, tanto a elite como os comuns viviam em casas de *dhaka* (Ver discussão em Macamo *et al.* 2021).

A construção destas habitações denota o resultado de um trabalho de equipa, no qual, a estrutura de madeira para se poder levantar as paredes da casa e da cobertura seria um trabalho destinado aos homens, enquanto a maticada das paredes com a argila era uma actividade desempenhada pelas mulheres; a cobertura de capim assente numa estrutura de toros de madeira era também um trabalho masculino, bem como a sua locação (Ver também Jairosse 2021; Macamo *et al.* 2021). A construção destas habitações no recinto muralhado deveria ter estado a cargo de terceiros, e não dos seus utilizadores, tal como o próprio recinto provavelmente por uma questão de hierarquia social (Rodrigues 2009:122).

As habitações na plataforma do recinto muralhado do Songo teriam como objectivo ainda cobrar ou fazer cobrar tributos ou portagens, de controlar e manter desimpedida aquela passagem de acesso ao Zambeze depois dos rápidos, mas fundamentalmente outro tipo de actividade tem valor de referência, como terá sido a de fundição para a obtenção de ferro, e talvez até coordenassem actividade de mineração. A presença dos vestígios desta actividade, estão documentados por uma significativa quantidade de

restos de escórias dispersas no interior do que se considerou o complexo do forno de fundição (Rodrigues 2009:122).

### **2.3.3. Material lítico**

O material lítico constitui o único testemunho arqueológico da Idade da Pedra recolhido na plataforma do recinto muralhado do Songo. Na construção do estudo dos artefactos líticos exumados à superfície, durante a prospecção na plataforma do recinto muralhado do Songo, importou a sua análise prévia em termos morfológicos atendendo à tipometria e ao tipo de matéria-prima, com objectivo de avaliar a estratégia da cadeia operativa nesta indústria. (Rodrigues 2009:166).

A análise da matéria-prima registada dada a exploração do quartzo como suporte, que predomina em 39 peças (95,12%); verifica-se apenas a presença de outro tipo de rocha, a opala, em duas peças (4,88%). O quartzo foi a rocha mais utilizada, certamente devido à facilidade de aquisição, aliada às qualidades físicas, que permitem uma rápida obtenção de lascas e lamelas, aliada a estratégias de um fácil retoque; serão razões para a escolha deste tipo de rocha (Rodrigues, 2009:167).

Parece ser de considerar que factores regionais, temporais, económicos e culturais influenciaram certamente o tipo de utensílios produzidos, com utilização de um percutor brando, sendo evidente o decréscimo da dimensão dos artefactos recolhidos no Songo e que documentam a passagem do tempo, e simultaneamente podem assinalar a mudança no tipo de caça, que passou a ser constituída por animais de pequeno porte e também os solitários (Phillipson 1994:100).

### **2.3.4. Cerâmica local**

Há fragmentos de cerâmica “tradicional” recolhidos como resultado da intervenção arqueológica nos vestígios das áreas de habitação, no forno de fundição, bem como os provenientes da recolha de superfície e da camada 1 na plataforma do recinto muralhado. O resultado da análise macroscópica do material cerâmico fornecido pela intervenção arqueológica nos diferentes níveis definidos, mostra que os recipientes são todos de formas simples e obtidos sem roda de oleiro; tendo proporcionado a identificação de um número mínimo de 45 recipientes. Uns apresentam decoração marcada na pasta, outros a superfície polida, e outros são simplesmente alisados. A caracterização técnico-morfológica deste núcleo cerâmico baseou-se nos atributos

intrínsecos resultantes dos aspectos estruturais (pasta e cores), e nos aspectos conceptuais (forma e decoração) (Rodrigues, 2009:174).

Contudo, a variedade dos tipos cerâmica que foram encontrados no Songo sugere ser de origem heterogénea (Adamowicz 2006; Macamo 2006; Atuia 2019).

### **2.3.5. Escória**

Este tipo de vestígio constitui um dos elementos mais significativos do espólio arqueológico fornecido pela escavação na área do complexo do forno de fundição. As escórias no seu conjunto e, após observação macroscópica, revelam uma grande heterogeneidade e simultaneamente alguma semelhança, havendo dois aspectos a considerar:

“O primeiro, observa-se que a escória resultante da redução de minério de ferro que aparece bem individualizada, e é do tipo esponja (cor magenta e muito leve). O segundo, notou-se a escória com aspecto distintos: placas de tipo coreácia, de vários tamanhos, cor acinzentada ou cheias de vacúolos, demonstrando as elevadas temperaturas atingidas no forno, havendo também alguns pedaços que mostram estrias e pedaço da terra amassada do solo, com cobertura vidrado brilhante” (Rodrigues 2009:191).

### **2.3.6. Fragmentos de *dhaka***

Na plataforma do recinto muralhado do Songo, há terra amassada distribuindo-se desordenadamente por toda a plataforma, apresentando diferentes tamanhos, o mesmo acontecendo quando ao seu aspecto exterior, devido às alterações produzidas ao longo dos tempos, sendo alguns deles de grandes dimensões, nomeadamente os recolhidos na área do complexo do forno de fundição. Este tipo de vestígios tem enorme representatividade na plataforma do recinto muralhado, distribuindo-se os fragmentos de *dhaka* por toda a sua superfície, mas com especial incidência ou em grande quantidade na área que se revelou ser os vestígios do complexo do forno de fundição (Ibidem).

No seu artigo recente, Macamo *et al.* 2021, a partir de descrições orais prévias, constataram que, geralmente, a *dhaka* escura é misturada com areia e vegetação verde. “A mistura é, então, usada para cobrir as paredes das casas, à mão, para ser macia e maleável (Macamo *et al.* 2021).

No contexto do Songo, os fragmentos de *dhaka* de grandes dimensões reflectem as actividades que naquela área tiveram lugar, pois devem muito provavelmente ter feito parte da parede do forno de fundição. Após análise macroscópica e binocular, registou-se nos fragmentos de chão recozido a presença de pontos de quartzo que afloravam na pasta térrea original e uma cobertura de sílica, como resultado do calor na sequência dos trabalhos de redução; cobertura que de um modo geral, reveste parcialmente muitos dos fragmentos de *dhaka*.

### **2.3.7. Amostra de mineral**

Registou-se a presença de um único mineral metálico; depois da sua observação, este pequeno fragmento de minério de ferro tem titânio (original). O Titânio magnético - é de cor negra, mostra um brilho metálico e apresenta algumas arestas boleadas, situação que pode decorrer de algum tipo de aquecimento. Desta amostra é possível inferir que este tipo de minério teria sido trabalhado neste sítio (Rodrigues, 2009:193).

Segundo os dados geológicos existentes (Real 1966; Afonso *et al.* 1988), há na região de Tete grandes depósitos deste tipo de minério, bem como na área envolvente, surgindo este minério de ferro associado a rochas básicas do tipo Gabro-Anortosito que originam solos ricos em caulino. Este tipo de solo resultante de alterações (em particular de caulino) teria sido utilizado como material refractário na construção das paredes do forno de fundição e até em moldes, como alguns dos fragmentos parecem sugerir, dada a sua leveza e fácil manuseamento.

## **2.4. Fontes orais**

As fontes orais recolhidas por Santo Júnior (entrevistando Gabriel de Sousa, no Songo, em 1936) sobre a razão da existência da muralha dão a seguinte informação: Na serra do Songo que habitavam os *dêmas*, tribo local, de costumes muito primitivos, que praticavam a antropofagia. Os mademas falantes da mesma língua habitam a região até aos dias actuais. Na base da mesma serra viviam os *machindas* que se estendiam até à Chicôa, Angara e Chiôco, na subdivisão territorial de Inhampando, nome dum antigo rei deste grupo étnico e pelo qual designavam também o seu chefe.

“O *Inhampando* algum dia meteu um enxame de abelhas dentro dum saco e, sozinho, subiu a serra para ir ter com os *dêmas*. Era vedado aos *machindas* penetrarem na área da jurisdição dos *dêmas* sem autorização especial. Por isso quando ali o viram, quiseram

prendê-lo, o que não fizeram por o *Inhampando* os ameaçar de que se tal fizessem abriria o saco e eles morreriam todos. Conduzido ao régulo dos dêmas, denominado *Songo*, este teria perguntado ao régulo dos machindas – Para que vens aqui? A resposta foi esta: - Para voz obrigar a deixar de comer gente. E se não me prometeis que de hoje em diante não mais comereis carne humana, abro o saco neste mesmo instante e morreréis todos.

Aterrados com a ameaça juraram solenemente não mais comer gente.

No entanto o *Inhampando*, como castigo dos que tinham comido gente, ordenou que acarretassem grande quantidade de pedra que foi amontoada numa espécie de muralha ainda ali existente (Santos Júnior,1940:49).

Durante a Campanha Nacional de Preservação e Valorização do Património Cultural em 1979, os agentes locais recolheram também informação oral do *Songo* que vai de encontro à informação dada por Santos Júnior. O local é conhecido como *Katuta-Mabwe* que significa “transportar pedras”, na tradição oral regional (Macamo e Duarte, 1996, p. 563; Maculuve 2019).

Este registo conduziu Solange Macamo e Duarte Teixeira a relacionarem a construção do *dzimbabwe* do *Songo* ligada à dinastia *Nhampando*, datada de 1720, que teria transferido a sua capital para a área Norte do planalto do vale do Zambeze durante o séc. XVIII (Beach 1980: 144), período este que coincide com uma das datas de C14 da escavação de 1995-1996, correspondendo à uma etapa da presença humana no sítio entre os séc. XVIII e XIX (Macamo 2006:. 42). Esta ocupação tardia não deve, contudo, corresponder à construção e primeira utilização do sítio, conforme Castelo (2015).

## **CAPÍTULO III – PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EFECTUADAS NO SONGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente capítulo actualiza o debate sobre a identidade arqueológica do Songo, a partir das fontes orais e com base nas campanhas arqueológicas que se sucederam. O capítulo apresenta as diferentes abordagens, em diferentes contextos históricos, para possibilitar a interpretação sobre a identidade arqueológica do Songo.

### **3.1.Estado da Arte**

Macamo (2006) desenvolveu investigações a partir de 1995 até 2001, tendo na companhia de investigadores suecos e moçambicanos, efectuadas escavações com o objectivo de identificar vestígios da Tradição Zimbabwe-Khami. Ao mesmo tempo procurou identificar a capital do Estado de Mutapa, em Chicoa, mas sem sucesso, a área foi posteriormente submersa devido a construção da barragem de Cahora Bassa (Macamo 2006).

Solange Macamo usou o termo lugares privilegiados, para interpretar o lugar da elite, estabelecido através da utilização estratégica dos recursos ambientais como a água, os solos para agricultura e pastorícia e a prática do comércio a longa distância com o Índico (Macamo 2006). Neste contexto, usa elementos como tradição oral, documentos escritos, evidências arqueológicas, paisagem para perceber como a homem usou estes recursos, para estabelecer os lugares privilegiados, que vão para além do próprio amuralhado, como uma estrutura arquitectónica visível.

### **3.2.Trabalhos Iniciais**

#### **3.2.1. Investigações de Santos Júnior**

No âmbito da Missão Antropológica de Moçambique entre 1936 e 1956, que foi pioneiro nos seus trabalhos ao longo de 6 campanhas chefiadas por Santos Júnior (Santos Júnior 1938:3), foram recolhidos dados de natureza antropobiológica. Os materiais arqueológicos e etnográficos, fotografias, desenhos, cartografia ou documentação manuscrita ajudavam a tentar conceber o território e as gentes, com o pressuposto de que o seu melhor conhecimento ajudaria a uma melhor administração destes (Castelo 2015:16).

A MAM desenvolveu os seus trabalhos em Moçambique entre 1936/37/38, 1945, 1946, 1948 e 1955/56, chefiadas por Santos Júnior e sob orientação de Mendes Corrêa (Santos Júnior 1938). O seu principal objectivo era a “apreciação somática das tribos e suas relações de similitude ou diversidade” e a elaboração de uma Carta Etnológica de Moçambique (Santos Júnior, 1956: 6). Para isso, a recolha de dados de natureza antropobiológica constituía o núcleo central dos trabalhos. A etnografia teve um papel fulcral nas pesquisas de Santos Júnior, no entanto, a arqueologia, apesar de não ser o objectivo principal da MAM, não passou despercebida. Em seis campanhas, a MAM percorreu a quase totalidade do território moçambicano, resultando assim em milhares de registos, levantamentos e inquéritos etnográficos e linguísticos, escavações arqueológicas, assim como, no levantamento de pinturas rupestres e prospecções (Castelo,2015:17).

Até Dezembro de 1941, data em que Santos Júnior publica *On the PreHistory of Mozambique*, Separata do nº28 do documentário trimensal «Moçambique», muito pouco se sabia sobre a “África Portuguesa”.

O Zimbabwe do Songo, é mencionado pela primeira vez em 1941 por Santos Júnior, que em 1937 tentou visitar o local, mas sem sucesso. Em 1950 o mesmo investigador regista o sítio pela primeira vez na Carta da Pré-História de Moçambique apresentada no XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, carta esta, fruto do seu trabalho nas Missões (Santos Júnior 1950:649, citado por Rodrigues 2009:27).

Santos Júnior (1947), durante a segunda campanha da MAM, efectuou investigações no amuralhado de Songo, tendo descrito o amuralhado e outras evidências da cultura material, como a cerâmica local.

Castelo (2015) argumenta que as campanhas da MAM ficaram para a história e que vieram dar um contributo inestimável para o conhecimento arqueológico e histórico da região do vale do Zambeze e em muitas outras regiões de Moçambique. Mais importante ainda, vieram provar a existência de uma pré-história “indígena” que nunca antes tinha sido verdadeiramente valorizada.



### **3.2.2. Investigações de Miguel Ramos**

Em 1969 iniciou-se a construção do empreendimento da barragem de Cahora Bassa no vale do Zambeze, em Moçambique, que viria a dar origem a um lago artificial que cobre uma área de 2.700 km<sup>2</sup>. A construção levantou, à época, vários problemas de ordem ecológica, geológica, biológica e histórico-arqueológica. A construção de uma barragem implica a perda, quase total, dos vários elementos que compõem a paisagem e foi nesse âmbito que foi criada dentro da JIU a Comissão Central Orientadora da Investigação Científica para Cahora Bassa (CCOICC). Esta Comissão tinha como objectivos a coordenação do conjunto de tarefas inerentes à execução do plano de actividades científicas relacionadas com o estudo da região afectada pela construção da barragem (Ramos 1973:7-8, citado por Castelo 2015:21).

A construção da barragem não apenas contribuiu negativamente para a mudança das condições naturais de uma área muito vasta dessa região como também provocou grandes impactos sob ponto de vista científico ao por em risco de destruição uma enorme quantidade de evidências históricas arqueológicas, geográficas, biológicas e geológicas (Macamo 2006: 183).

No que toca ao domínio histórico-arqueológico, foi solicitada a colaboração da Secção de Pré-História e Arqueologia, estabelecendo assim a Brigada de Estudos de Pré-história e Arqueologia do Vale do Zambeze (BEPAVZ) criando, pela primeira vez no âmbito da JIU, um grupo especificamente dedicado ao estudo da Pré-história e Arqueologia (Castelo 2015:21).

O grupo teve como objectivos as seguintes tarefas: prospectar e inventariar as estações arqueológicas das áreas afectadas; levar a cabo escavações sistemáticas dos sítios seleccionados “de maior representatividade cultural ou ambiental, pré-histórica, proto-histórica ou histórica” (Ibidem); elaboração de uma Carta Arqueológica dinâmica e por fim, preservar as construções existentes e eventual remoção ou reconstituição em museus ou parques. Esta última já parecia mais ambiciosa e apesar dos esforços da equipa em apresentar planos pormenorizados da remoção e reconstrução de uma das torres do Forte de Cachomba, forte este que viria a ser submerso e perdido para sempre, tal nunca chegou a acontecer (Ramos e Rodrigues, 1979, p. 53-65). Solange Macamo (2006) presume que, no mesmo contexto, ficou submerso o possível Zimbabwe de Chicoo, uma das capitais de Mutapa.

Das duas campanhas efectuadas, a primeira teve como objectivo proceder ao reconhecimento geral da zona afectada, de grosso modo toda a bacia do Zambeze em Moçambique, recolher dados dos vários monumentos aí presentes “considerados mais importantes”, nomeadamente, os fortes do Zumbo e Cachomba, no sentido de representarem a presença portuguesa em Moçambique (Trabalhos de Arqueologia e Antropologia 1980), mas também o recinto amuralhado do Songo e efectuar prospecções nas áreas vizinhas dos locais atrás mencionados. A segunda campanha teve como objectivo aprofundar os estudos nas zonas mencionadas, como estender as pesquisas a outros locais. Condicionamentos de ordem logística fizeram com que se iniciassem os trabalhos pelos monumentos de carácter histórico, nomeadamente dos fortes do Zumbo e de seguida se concentrasse a atenção no recinto amuralhado do Songo e na prospecção de estações paleolíticas e de arte rupestre em todo o vale do Zambeze (Ramos 1973:9).

O sítio nunca tinha sido intervencionado até 1972-73 pela equipa da JIU, que se deslocou até à vila do Songo, por ali ter sido assinalada a existência de um recinto amuralhado por Santos Júnior (1941), que segundo Miguel Ramos “poderia ser uma construção relacionada com a “cultura Zimbabué Monomotapa»” (Ramos, 1973:12).

O local onde se encontra o Songo foi intervencionado pela primeira vez por uma equipa da antiga JIU liderada pelo geólogo Miguel Ramos entre 1971 e 1972 (Macamo 2006; Castelo 2015). A visita da JIU ao Songo surge na sequência de ter sido reportado neste lugar, a existência de um recinto amuralhado em 1937 por Santos Júnior, durante a sua segunda campanha da MAM (Santos Júnior 1940, 1941).

Na primeira campanha, procedeu-se à recolha dos artefactos líticos e cerâmicos à superfície. Na fase da escavação, definiu-se a Camada 2, a qual permitiu ainda a recolha de alguns fragmentos cerâmicos que inicialmente se encontravam à superfície. Todos os fragmentos cerâmicos foram registados, fotografados e desenhados *in situ* (Ramos 1973; Rodrigues 2009).

Durante a segunda campanha arqueológica Ramos e sua equipa encontraram diversos vestígios arqueológicos tais como: instrumentos líticos, fragmentos de cerâmica e pedaços de escória de ferro fundido. A cerâmica decorada com formato geométrico foi associada à cultura Zimbabwe (Ramos 1980), mais precisamente Tradição Zimbabwe-Khami.

O estudo sobre as ruínas do Songo foi levado a cabo por alguns investigadores um dos quais é o geólogo Miguel Ramos (1980). A partir de um exame preliminar, Ramos levantou a hipótese segundo a qual estas ruínas poderiam pertencer à Cultura Zimbabwe Monomotapa. De acordo com Ramos, as ruínas do Songo evidenciam uma influência “Zimbabwe-Monomotapa”, classificando-as como sendo uma construção Zimbabwe da classe “P” (Ramos 1980).

Todavia, as escavações realizadas em 1996 por Macamo e Liesegang, mostraram a necessidade da continuação dos trabalhos, para uma melhor compreensão da identidade arqueológica do Songo em relação à Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006).

Os resultados das investigações realizadas no Songo foram publicados nos anos 1973, 1979 e 1980, pelo geólogo Miguel Ramos. Estes estudos indicam que, no local onde se encontra o Songo, teriam sido efectuados trabalhos de salvaguarda arqueológica inseridos no quadro da implementação do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa (Ramos 1973, 1979, 980).

Os estudos realizados entre 1971 e 1972 por Ramos não apresentaram uma cronologia referente ao Songo com vista a sustentar as constatações sobre o período Zimbabwe Mutapa (Macamo 2006: 111). Contudo, é razoável concordar que esta designação mostra o desenvolvimento do período Zimbabwe para o período Mutapa (Macamo 2006, citando Pikirayi 1993).

Miguel Ramos (1973) levou a cabo diferentes campanhas (1972 e 1973) no âmbito da construção da barragem de Cahora Bassa, tendo efectuado estudos sobre o amuralhado de Songo, e também, através de escavações na segunda campanha, identificou cerâmica local da Tradição Zimbabwe (decorada por figuras geométricas), escória de fundição de ferro, entre outros.

### **3.2.3. Investigações de Solange Macamo**

O Zimbabwe do Songo fora anteriormente interpretado por Solange Macamo (2006) como sendo uma construção datada do séc. XVIII, com base nas datas de radiocarbono recuperadas de uma segunda escavação, nos finais dos anos 90 e inícios de 2000, relacionando-o directamente com a tradição oral disponível, recuperada por Santos Júnior (1941) décadas antes, (Castelo, 2015:12). A arquitectura, assim como as cerâmicas recuperadas, apresentam semelhanças com a tradição de Khami e do Grande Zimbabwe, tendo levado a investigadora a relacioná-lo com a presença do Changamire no Vale do Zambeze

Entre 1995 e 2001, a estação arqueológica do Songo fora intervencionada e estudada por Solange Macamo, no âmbito do projecto financiado pela SAREC (Macamo 2006: 184). Os estudos realizados incidiram essencialmente nas questões referentes à tradição cerâmica, análise estratigráfica e datação do amuralhado (Liesegang 1995; Macamo & Duarte 1996; Macamo, Sundström & Ekblom 1996; Macamo & Risberg 2001 citados por Macamo 2006: 184). Estas investigações tinham em vista aprofundar o conhecimento acerca da identidade arqueológica do Songo em relação à Tradição Zimbabwe-Khami. As escavações foram dirigidas por Solange Macamo e os seus resultados publicados em 2006 e 2011 (Macamo 2006, 2011), citado por (Ernesto 2019:29-30).

No prosseguimento das investigações no âmbito do projecto SIDA-SAREC, em 1995 efectuou-se uma visita à Chicoa (próximo de Cahora Bassa), visando avaliar possíveis evidências da existência de uma antiga capital do Zimbabwe- Mutapa (Macamo 2006: 184). No entanto, não se obteve nenhum resultado a respeito disso, visto que, Chicoa encontrava-se submerso devido ao impacto do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa (Ibidem).

Entre 1995-96 foram realizadas mais de 10 sondagens, tendo sido recuperadas amostras de carvões para datação que foram retiradas da Sondagem nº 13, situada a Nordeste da plataforma, a 3m da muralha, perto de um arbusto e de vestígios de uma área doméstica, (Macamo 2006; Castelo 2015:63). As amostras foram posteriormente tratadas pela Universidade de Uppsala (Ibidem).

A área escavada fez um total de 23m<sup>2</sup>, de onde exumaram cerca de 262 fragmentos cerâmicos com e sem decoração, escória de ferro e carvões. Todavia, a escavação realizada em 1995 no Songo mostrou a necessidade de se dar continuidade aos trabalhos para uma melhor compreensão da arqueologia da área (Macamo 2006: 192). Mais uma vez, artefactos importados não foram identificados (Castelo 2015: 63). Entre 1997-98 a campanha limitou-se à elaboração de uma planta topográfica (Fig. 8).

Em 2001, por seu turno, Paul Sinclair, da Universidade de Uppsala e Jan Risberg da Universidade de Estocolmo, ambos da Suécia, visitaram o Songo, na companhia de Solange Macamo, com o objectivo de identificar os processos secundários de deposição dos achados, assim como as actividades humanas na área de estudo (Macamo 2006; Castelo 2015 citados por Maculve 2019:30).

### **3.3.Discussão**

A descrição da arquitectura do Songo feita por Solange Macamo apresenta elementos novos, desconhecidos até então, que demonstram ser de maior interesse (Castelo 2015:63). Do lado Ocidental da plataforma foi identificada uma acumulação de pedras, que já teria sido identificada por Miguel Ramos (1973) mas dada a escassez de tempo não foi possível estudá-la. Segundo Liesegang (2005 citado por Macamo 2006: 190) seria um depósito de sal que teria sido queimado e assim vitrificado. No entanto não foram retiradas amostras para datação e o relatório nunca foi publicado (Castelo 2015:64).

Todavia, as escavações realizadas nas ruínas do Songo, por Macamo e Liesegang em 1995, mostraram a necessidade da continuação dos trabalhos, para uma melhor compreensão da identidade arqueológica desta estação em relação à Tradição Zimbabwe (Macamo & Duarte 1996:).

Por outro lado, Ramos não conseguiu apresentar uma cronologia referente ao amuralhado do Songo com vista a confirmar a sua conclusão sobre a identidade do Songo com o período Zimbabwe-Mutapa. Sendo que, outros elementos da sua análise relativos aos estilos arquitectónicos, não incluíram a tradição Zimbabwe Khami (Macamo 2006: 183-184).

### 3.4. Considerações finais

O amuralhado de Songo evidencia a interacção de grupos culturais locais e externos, de que resultou a sua construção e o seu estabelecimento, como local da elite, no centro do planalto.

De acordo com o estudo das fontes orais iniciado por Santos Júnior (1941) e prosseguidas pelas Campanhas de Preservação Cultural chefiadas por Ricardo T. Daurte (Macamo & Duate 1996) o seu nome originário do Songo é Katuta-Mabwe, o que significa carregar pedras.

As fontes orais afiguraram-se, assim, neste estudo, excepcionais para o aprofundamento das relações históricas entre grupos culturais locais e externos e as posições de dominação que se estabeleceram, para a construção da magnífica plataforma do Songo.

Foram identificados pelos diferentes investigadores vestígios arqueológicos, que remontam da Idade da pedra até épocas mais recentes da Idade do Ferro, correspondente às Comunidade de Agricultores e Pastores tardios.

Percebe-se que Songo, surge na sequência do declínio do Estado do Grande Zimbabwe, ao qual se sucedeu o Estado de Mutapa, conforme Ramos (1980).

Entretanto a construção em plataforma do Songo classificada como sendo do estilo Khami (Macamo 2006) se destaca pela sua feição e engenho humano. Songo foi feito de pedras sobrepostas que formam uma pequena plataforma artificial, por cima das quais erguiam-se as casas de habitação de *dhaka*, onde vivia a elite dominante.

Há necessidade de aprofundar os elementos da arquitectura do Songo, integrando os vestígios de construções de *dhaka* e da própria estrutura do amuralhado, para a sua interpretação arqueológica, usando os diferentes resultados actualizados apresentados neste trabalho (Macamo 2006; Rodrigues 2009; Castelo 2015).

Este estudo teve em vista mostrar a história da investigação do Songo de forma a contribuir para o seu amplo conhecimento no país e na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMOWICZ, L. 2003. Geografia do património cultural de Moçambique.
- ATUIA, H. 2019. A colecção de Cerâmica de Peter Garlake de Manyikeni no Laboratório Nr 8 do DAA/UEM: Interpretação da Tradição Zimbabwe e da Heterogeneidade. Dissertação de licenciatura. Maputo: DAA/UEM.
- BARRADAS, L. 1963a. Zimbaués do Báruè. In Memórias do I.I.C.M. Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 5, Pp:155–161.
- CASTELO, I. F. R. 2015. Traços da presença portuguesa no Vale do Zambeze entre os séculos XVI e XIX à luz das pesquisas realizadas pela Brigada de Estudos de Pré-história e arqueologia (JIU) entre 1971 e 1972. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/1845> [consultado em 10 de Maio de 2019].
- DECRETO Nº 27/94 de 20 de Julho que Aprova o Regulamento de Protecção do Património Arqueológico e a composição do Conselho Nacional do Património Cultural, Boletim da República nº 21 (1).
- GARLAKE, P. 1973. Great Zimbabwe. Thames and Hudson. London.
- HUFFMAN, T. 1986. “Iron Age Settlement Patterns and the Origins of Class Distinction in Southern Africa”. *Advances in World Archaeology*, Vol.5. Academic Press. London – New York.
- ICOMOS. 1990. Charter for the protection and management of the archaeological heritage.
- JAIROSSE, V. 2021. A dualidade das construções no Zimbabwe de Manyikeni: as casas de Dhaka e o Amuralhado de pedra. Dissertação de Licenciatura. Maputo: DAA/UEM.
- JOPELA, A, 2014. Definição de conceitos-chave. In Jopela (Coord), *Manual de Conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique*. Maputo: Ministério da Cultura.

- JOPELA, A. 2010. Traditional Custodianship of Rock Art Sites in Southern Africa: a case study from central Mozambique. Dissertação de Mestrado. Johannesburg: Universidade de Witwatersrand.
- MACAMO, S. JAIROSSE, V.; ATUIA, H.; ZOMBA, A. & MUTIMUCUIO, L. 2021. Urban origins in Mozambique: Manyikeni and Niamara, two divergent architectural styles of the second millennium AD. *Atelier*.
- MACAMO, S. L. 2003. *Dicionário de Arqueologia e Património Cultural*. (Trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM
- MACAMO, S. L. 2006. Privileged Places in South Central and North Mozambique: The archaeology in Manyikeni, Niamarra, Songo and Degue-Mufa. *Studies in Global Archaeology* 4. Uppsala: Department of archaeology ancient History.
- MACAMO, S. L. 2011. Paisagens culturais da Tradição Zimbabwe em Moçambique. (trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM
- MACAMO, S. L. 2014. Princípios gerais de conservação e restauro do património cultural imóvel. In: Jopela (Coord), *Manual de Conservação do Património Cultural Imóvel em Moçambique*. Maputo: Ministério da Cultura.
- MACULUVE, E. 2019. O Lugar Central em Manyikeni: Leitura sobre o amuralhado e a periferia. Dissertação de licenciatura. Maputo: DAA/UEM.
- MAE. 2014. Perfil do Distrito de Cahora Bassa Província de Tete. Maputo: Ministério da Administração Estatal. Pp:1-62.
- MAHUMANE. C. 2015. A Idade da Pedra no Sul de Moçambique: Documentação do Espólio Arqueológico da Estação Arqueológica de Massingir (2332Cc02). Dissertação de licenciatura. Maputo: DAA/UEM.
- MENDES CORREA, A. A. 1936. Pré-História de Moçambique: um plano de estudos. Porto: Imprensa Portuguesa.
- MENESES. M.P. 2002. Glossário de alguns conceitos e termos utilizados em arqueologia (trabalho não publicado). Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Universidade Eduardo Mondlane.



- OLIVEIRA, O.R. 1963 - Amuralhados da Cultura Zimbaue - Monomotapa de Manica e Sofala. U.N. da Beira (Serviços Culturais). Lourenço Marques, Artes Gráficas.
- PERFIL AMBIENTAL DISTRITAL DE CAHORA BASSA. 2015. Avaliação Ambiental Estratégica, Plano Multisectorial, Plano Especial de Ordenamento Territorial do Vale do Zambeze e Modelo Digital de Suporte a Decisões. Dezembro. Pp:1-105.
- PIKIRAYI, I. 1993. *The archaeological identity of the Mutapa state: Towards an historical archaeology of Northern Zimbabwe.* (Studies in African Archaeology 6) Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.
- RODRIGUES, M. C. 2009. Contribuição para a arqueohistória comum de Portugal e de Moçambique: O recinto amuralhado do Songo no contexto do Estado Mutapa- Resultados da Intervenção Arqueológica-Província de Tete. Lisboa: Centro de História-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos. 1940. Pré-história de Moçambique. Instituto de Antropologia de Universidade do Porto. Lisboa:1-52.
- SINCLAIR, P. J. J.1987. *Space, Time and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c. 0-1700 AD.* (AUN 9). Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.
- SINCLAR, P; MORAIS, J; ADAMOWICZ, L; DUARTE, R. 1993. A perspective on archaeological research in Mozambique: 409-431.